

A Carestia
Solando o Pobre



SEVERINO CÂNDIDO CAROLINO

“Peito . de . Aço”

A CARESTIA SOLANDO O POBRE

Severino Cândido Carolino
(*"Peito de Aço"*)

Dia 7 de setembro
se deu uma confusão
aqui na avenida B
no armazém do Tião
roubaram mercadoria
arroz farinha e feijão.

Quando ele foi chegando
achou a casa arrombada
dizem que foi Camiseta
junto com um camarada
disseram que até mulher
entrou nessa embrulhada.

O dono do armazém
chama-se ele Tião
vinha pisando em brasa
com uma foice na mão
derribou parede e telhado
porta janela e portão.

Primeiro foi o quarto
o guarda-ropa agarrando
meteu álcool e querosene
tudo foi incendiando
saíu de dentro pra fora
a casa foi derribando.

Queimou-se o que ele tinha
cama coberta colchão
quebraram prato e talher
penico copo fogão
panela bule bacia
chaleira e cardeirão

Queimaram o camiseiro
também o guarda-roupa
queimou paletó e calça
do Zé acabou a sopa
foi parar no xilindró
na prisão gritando opa.

Pobre de Zé Camiseta
tomou essa pela cara
na frente do delegado
tremendo igualmente a vara
ele muito feliz
se não for o pau-de-arara.

Queimou camisa e bermuda
sapato meia e cueca
shorte lenço e lençol
desta vez levou a breca
não ficou nem um farrapo
para cobrir a munheca.

Queimou até documentos
que estava no brusão
mala maleta chapéu
paletó jaquetão
se ele não corrido tem
tinha queimado o carção.

Sei que ele é muito à-toa
mas Tião está errado
por ter derribado a casa
a roupa dele queimado
se for o conhecimento
Tião está bombardeado.

Todos fiquem na certeza
isto é caso de juiz
derribou a sua casa
daquele pobre infeliz
ficando só com a vida
assim o poeta diz.

Não se pode gloriar
da miséria de ninguém
ele hoje está sofrendo
tu pode sofrer também
exato o Zé errou
tu pode errar também.

O pobre do Camiseta
que não tem gosto na vida
ficou sem casa sem nada
sem documento e comida
dormindo pelo relento
se lembrando da querida.

A gente tem um destino
ninguém sabe pra que é
uns nascem para ser rico
outros pobres de pajé
rico passa boa vida
pobre não tem nem café

O pobre quando está bem
não pensa se ele perece
pega estragar o que tem
tudo desaparece
a cabeça não pensando
o corpo é quem padece.

Por causa eu não pensar
me acho hoje sem nada
trabalhei tanto e não tem
é uma vida perburbada
o rico vive tão bem
o pobre não vale nada.

PARTE II

Estamos no fim do mundo
e o povo não dá fé
só se leva na orgia
nas buates cabaré
feijão por vinte e dois contos
quarenta e quatro café.

A gente vive pensando
meu Deus onde vou parar
ganhando pouco dinheiro
não dá pra gente passar
a carestia é sem fim
a vida é de amargar.

O feijão está sem limite
a banha carne farinha
macarrão arroz o quilo
fubá leite canjiquinha
óleo cebola e alho
queijo manteiga galinha.

Mais barato é a fazenda
que dá para vinte e um anos
porém o custo de vida
está um caso tirano
o pobre chora na cama
tem que entrar pelo cano.

Ninguém pode mais comer
farinha arroz e feijão
carne-seca boi e porco
mortandela macarrão
galinha do pé inchado
não presta nem pra pirão.

O feijão que aparece
é branco não vale nada
quando cozinha é angu
ou semente acanhada
se o fogo for demais
vira uma bagunçada.

A carestia no mundo
tem que apertar o nó
subiu café e o pão
carne verde mocotó
e a barriga dos pobres
breve vai para o gogó.

Subiu todos comestíveis
subiu arroz e feijão
subiu carne mortandela
a lingüiça camarão
subiu ovos de galinha
talharinho e macarrão.

Subiu óleo e a banha
subiu o leite e o queijo
subiu manteiga e bolo
subiu boi do sertanejo
uma carestia dessa
há tempo que eu não vejo.

Subiu a carne de porco
subiu a carne de bode
subiu de pato e peru
a carestia é pagode
o pobre está se lascando
só come carne quem pode.

Subiu o milho o fubá
subiu farinha e o pão
subiu cará macheira
subiu abóbora melão
subiu banana abacate
subiu laranja mamão.

Subiu quiabo maxixe
subiu também a verdura
subiu maçã e caqui
subiu o mel rapadura
subiu batata e cebola
subiu toucinho e gordura.

Subiu o peixe também
subiu bagre cavalinha
subiu traíra e espada
subiu piranha e sardinha
subiu corvina cascudo
subiu xaréu e tainha.

Subiu tubarão toninha
peixe-serra bacalhau
sardinha em lata salsicha
pobre vai entrar no pau
comer folha com angu
macaxeira com mingau.

Hoje a carne mais barata
é galinha do pé inchado
a gente compra na feira
o comprador sai roubado
chega em casa a mulher diz
"está com gogó danado".

Ninguém sabe mais que faça
com a carestia no mundo
a guerra vai rebentar
em menos de um segundo
parece que o povo vai
se esconder no poço fundo.

Não se pode comer carne
pobre não tem mais regalo
vai fartar ave de pena
pato peru e galo
a lingüiça e mortadela
Primeiro foi o quarto
é de carne de cavalo.

Pobre vai no armazém
compra um quilo de feijão
de vinte ou sete cruzeiros
muito não cozinha não
só fica bem cozinhado
na panela de pressão.

Antigamente o pobre
ele comia feijão
hoje faz beber cardo
se tem farinha e pirão
arroz muito limitado
menos pouco macarrão.

Pobre vive pensando
meu Deus onde vou cair
não posso mais comer carne
vou comer peixe siri
caranguejo e atratu
roncador e lambari.

Quem não pode comer carne
vou avisar para o povo
coma folha com angu
rapaz velho e rapaz novo
as moças como são gulosas
meta a cara no ovo.

275



Governo do Estado do Rio de Janeiro
Secretaria de Estado de Educação e Cultura
Departamento de Cultura
Instituto Estadual do Livro